

Notas sobre os percursos de uma Jovem Bolsista de Iniciação Científica a caminho de sua formação

Gisele da Silva de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar a experiência estética de uma estudante de Pedagogia em seu processo de formação, a partir de sua inserção como bolsista de pesquisa, em um projeto que busca trabalhar em comunhão com a escola, as Memórias, Experiências e Narrativas dos moradores de algumas praias da Ilha Grande localizada no município de Angra dos Reis, pouco assistidas pelo poder público. O objetivo maior é apresentar através de minha narrativa como essa experiência foi constituindo meu olhar com e para a pesquisa.

Palavras chave: estética e educação; memória, saberes e práticas locais

ABSTRACT

This article presents the aesthetic experience of a student of pedagogy in their training process, from its inclusion as a research fellow in a project that seeks to work together with the school, the memories, experiences and narratives of residents some beaches of the Big Island in the municipality of Angra dos Reis, somewhat assisted by the government. The ultimate goal is to present through my narrative as this experience was constitutive of my look with and for the research.

Keywords: esthetic and education; memory; knowledge and local practices

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da UFF (Universidade Federal Fluminense) – IEAR (Instituto de Educação de Angra dos Reis) - Bolsista de Iniciação Científica do Projeto: Experiência, Memória entre Narrativas nas histórias de Jovens, Adultos e Crianças caiçaras: construindo sentidos entre a cultura Acadêmica e as culturas Locais – Coordenado pela Professora D^a Dagmar de Mello e Silva, financiado pela FAPERJ.

Notas sobre os percursos de uma Jovem Bolsista de Iniciação Científica a caminho de sua formação

Gisele da Silva de Oliveira

Qual a especificidade da experiência estética em relação à experiência em geral? Para Dewey (1980) a experiência estética não se define pelo objeto ao qual ela corresponde – uma obra de arte, por exemplo – nem por algum traço especial, como a beleza, que se introduziria na experiência comum. Segundo Dewey qualquer teoria estética deve tomar como base que a experiência estética é o desenvolvimento clarificado e intensificado da experiência em geral. Ela existe frente à arte, mas também emerge na vida cotidiana. Ela se define, entretanto, como uma experiência especial, que faz com que a vida não se apresente como uma corrente homogênea e uniforme de fatos banais. Ela surge entrecortada por experiências marcantes. Um jantar, uma música, um encontro, uma tempestade ou uma viagem podem ser experiências desta natureza. Ao nos referirmos a ela dizemos: “Foi uma experiência!”

(DEWEY, 1980).

Os escritos que trago para compor este artigo, são frutos de minha experiência como bolsista de Iniciação Científica no projeto de extensão e pesquisa - *Experiência, Memória e Narrativas nas histórias de Crianças, Jovens e Adultos Caiçaras: Construindo sentidos entre a cultura acadêmica e as culturas locais* no qual buscamos construir um campo transdisciplinar que incorporasse as diversas áreas do conhecimento, através de propostas as quais nomeamos de intervenções estéticas².

Entre nossos objetivos temos procurado entender as relações intergeracionais entre jovens e adultos moradores da Ilha Grande em Araçatiba e praias vizinhas, na tentativa de estabelecer relações entre passado e presente contextualizando essas temporalidades com seus modos de vida. Entendemos que ao procurar compreender o que é ser caiçara hoje, pode ser uma possibilidade de contribuir para a construção de políticas voltadas a esse grupo social específico.

² Destaco aqui nossa parceria com a Escola Municipal General Sylvstre Travassos situada na Praia de Araçatiba – Ilha Grande. Local onde desenvolvemos nossas ações.

O projeto está pautado nos princípios teóricos/metodológicos da pesquisa intervenção, princípios esses que se colocam como dispositivos socioanalíticos, cujo compromisso é suscitar o reconhecimento da importância dos saberes e práticas locais.

Nas experiências que vivenciei ao longo do período em que atuei como bolsista de Iniciação Científica para o projeto, compreendi o quanto é importante atentarmos a respeito das múltiplas formas pelas quais o ser humano pode dispor para entender o mundo e a si mesmo.

Muitas vezes somos atravessados por culturas que têm características e distinções próprias, particulares de um determinado grupo ao mesmo tempo em que apresentam modos de vida que nos são comuns. No entanto ao observar a maneira como esse mesmo grupo se vê e cria modos singulares de Ser, me faz pensar o quanto o uno está presente no múltiplo, me lembrando de que nem sempre as coisas são necessariamente como as vemos, “nelas estão inseridos inúmeros significantes que vão assumindo diferentes sentidos e significados para os diferentes sujeitos que as experimentam”. (SILVA, 2009, p.35)

Por muitas vezes me peguei julgando determinados hábitos e formas de viver, não levando em consideração que existem outras realidades e que elas não se dão de uma forma única para todos os sujeitos. Segundo Milton Santos (2000), o espaço se faz em dois cortes simultâneos e complementares. O corte vertical, no campo dos pontos e o corte horizontal no campo dos planos. O vertical nos dá o domínio da racionalidade cega e triunfante. O horizontal nos dá o espaço da vida, do cotidiano compartilhado por todos. O reino em que todas as emoções são permitidas. Não havendo uma separação entre as duas realidades, que se modificam mutuamente e se afirmam cada qual em função de seus próprios objetivos.

A partir disso, penso que entender e criar um diálogo com o outro é de extrema importância para o rompimento de fronteiras entre territórios. Território entendido aqui como um espaço atravessado por processos de subjetivações que, delimitado e imbricado pela cultura que o cerca, define e caracteriza o povo que ali habita, mas, apesar dessa demarcação de significados, deixam escapar experiências estéticas

carregadas de singularidades e que, partilhadas, se tornam mais enriquecedoras porque proporcionam processos de desterritorialização e reterritorização constantes.

Entendo que quando me permito conhecer o outro, quando estou disposta a dialogar com o outro naquilo que nos distingue ou mesmo nos identificamos, percebemos que não existe uma racionalidade única, nem uma única forma de pensar e de viver o mundo. Essa troca entre territórios, entre significados e realidades distintas me ocorreu quando fui à Ilha Grande, em Angra dos Reis, pela primeira vez.

Pensava, enquanto nos dirigíamos para a Praia de Araçatiba, em todas as pessoas que viviam tão isoladas desse mundo do qual eu pertença e ao mesmo tempo tão próximas. Próximas porque todos que ali estávamos, somos sujeitos constituídos por um tempo histórico muito próximo mas, social e culturalmente distintos.

Independente do contexto no qual estamos inseridos, tão distantes e tão próximos... Aquela era uma realidade tão diferente da minha que me levou a pensar como coisas que para mim se tornam simples, podem se tornar muito difíceis para os moradores da Ilha, como por exemplo, quando algum morador precisa de um cuidado médico, quando uma moradora está grávida. Coisas banais para o meu cotidiano, mas que se constituíam verdadeiros desafios para aqueles moradores. Pensava também nas diferenças entre os meus modos de vida e os modos de vida de toda aquela nova realidade que se apresentava para mim. Imaginava como aquela experiência estaria produzindo outros sentidos para as professoras e colegas presentes naquele mesmo momento. Foi aí que compreendi o quanto o real pode desdobrar-se numa grande multiplicidade de interpretações e pensamentos.

Sei que esse relato pode parecer obvio para um leitor desavisado, mas quando se trata de Educação, esse entendimento pode se tornar um aprendizado ético/estético. Ético porque passamos a entender a importância de dar legitimidade ao outro em sua forma de ser e estético porque deixamos de priorizar a racionalidade formal e inserimos o caráter afetivo à visão do educador o que nos proporciona uma “experiência estética”.

O Olhar Estético

A receptividade da experiência estética faz da percepção algo distinto do mero reconhecimento. O reconhecimento é uma percepção

interrompida, no sentido em que a experiência presente é rebatida sobre a experiência passada, fazendo com que o novo perca seu estatuto de novidade. Distinta do reconhecimento, a percepção estética é receptiva. Ela consiste em se deixar impregnar, em mergulhar com atenção, evitando uma interrupção precipitada. Aqui a posição de Dewey é próxima da de H. Bergson, que distingue a percepção a serviço da vida prática, movida pelo interesse e colocada a serviço da ação, e a percepção estética, desinteressada e livre das limitações da vida utilitária (BERGSON, 2006a, 2006b). A posição da fenomenologia também vai na mesma direção. Na atualidade, no movimento denominado Pragmática Fenomenológica, Natalie Depraz, Francisco Varela e Pierre Vermersch (2003, 2006) têm buscado desenvolver o método de redução fenomenológica de Husserl, indicando o caminho de sua implementação através de práticas concretas. Os autores sublinham que para Husserl a experiência estética produz a suspensão de juízos e da atitude natural. Destacam ainda que algumas práticas são especialmente capazes de criar condições para a suspensão dos juízos e da atitude natural. (KASTRUP, 2010, p.39)

Quando chegamos à Ilha percebi olhares de estranhamento, tanto da nossa parte quanto da parte dos moradores do lugar. Afinal, não somos habitantes daquele território. Vergani (1994) afirma que “cada cultura oferece uma ‘forma de vida’ capaz de possibilitar esta globalidade de bem-estar humano original e histórica. As pessoas aderem às tradições que lhes proporcionam satisfação, bem-estar, prazer partilhável” (p. 24-25). Desse modo, acredito que o estranhamento vai, aos poucos, cedendo à partilha, à troca mútua, provocando assim um diálogo polifônico. Percebi que os olhares atentos e perguntas frequentes para entender o porquê de nossa presença, tinha uma razão de ser, tendo em vista as “invasões” provocadas pelo processo de “colonização” como, por exemplo, o turismo consumista e exploratório.

Reforçando o que coloca Kastrup (2010) no início da citação acima, através dessa experiência estética na qual “a receptividade faz da percepção algo distinto do mero reconhecimento”, constatei que “a experiência presente é rebatida sobre a experiência passada, fazendo com que o novo perca seu estatuto de novidade”.

Mesmo diante de limites “territoriais”, fomos bem recebidos por todos na escola e, em particular, a diretora Alcione, que nos apresentou com orgulho suas propostas e atividades recentes, desde festas comemorativas até o jornal produzido pelos alunos, com a colaboração da coordenação. Fiquei impressionada ao ver como aquela escola era coordenada, como os alunos eram motivados a estarem sempre

presentes em todas as atividades e como tudo ali me pareceu ser pensado com as crianças.

O que em geral vemos fortemente presente nas escolas hoje é o determinismo que estranha tudo que cerca o espaço extraescolar. Foi, justamente a ausência desse determinismo, dessa delimitação que me chamou atenção, porque ali ele não se fazia presente e, a partir disso, novas concepções, experiências, significados eram construídos coletivamente. Principalmente por esse motivo criei intensas expectativas em relação ao projeto, porque senti desde nosso primeiro encontro que dali poderiam sair trocas muito interessantes e importantes para todos nós.

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é, por isso, então, que ele nunca está ausente. Quando cometemos o erro de crer que o selvagem é exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não reparamos que ele nos dirige a mesma censura, e que, a seus olhos, seu próprio desejo de saber parece melhor equilibrado que o nosso (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 21).

Voltamos à ilha pela segunda vez com a proposta de visitar uma senhora de noventa e cinco anos, que tem uma grande importância na Ilha, a Dona Teresa. Guiados por Guilherme e outros alunos da escola, juntamente com outros tantos alunos, coordenadores e professores da escola, professoras e colegas da UFF, nos aventuramos em uma trilha ao encontro dela. Durante a caminhada, Guilherme começou a conversar comigo e falou que as crianças da ilha são diferentes das crianças de “lá” (se referindo ao continente). Perguntei o porquê e ele respondeu que “lá” as crianças não fazem as mesmas coisas que eles. Que na ilha eles mergulham, pescam, nadam, andam a pé e que “lá” (referindo-se ao litoral) eles ficam só no computador, no vídeo game. Ao mesmo tempo em que ele conversava comigo, mostrava as árvores e pássaros que encontrávamos no caminho. Fiquei encantada com a forma como falava daquele lugar e me apresentava seus modos de vida. Ele sorria e seus olhos brilhavam, orgulhoso de tudo aquilo que ele tinha como dele e como a Ilha se apresentava para nós. Mostrava cada detalhe, cada cantinho e me parecia muito feliz por estar tendo essa oportunidade, de apresentar aquilo que para ele era tão especial e agora podia compartilhar conosco. A natureza é surpreendente e ele a tornou mais surpreendente ainda, através de sua oralidade.

Conhecemos Dona Teresa e posso falar da simplicidade naquele olhar, nas palavras, nos gestos de carinho, mesmo que tímidos. Que força eu vi naquela senhora que tinha tantas histórias e experiências para nos contar! Os mais velhos são guardiães de memórias de um tempo “outro”. Tempo esse que não conhecemos e que se fez de modo muito diferente deste que agora estamos. Tempo carregado de conhecimentos e significações para eles. Tempo que se foi e deixou saudades, mas que muitas vezes não produzem significados para os mais jovens. Ali entendi a força e a importância de promover o diálogo entre gerações. Através das lentes da câmera (posto que fosse eu quem estava filmando) acho que vi muito mais que todos que ali estavam, porque estava atenta a cada movimento, a cada sorriso, cada olhar envergonhado daquela velha senhora, por ser “namoradeira”, cada momento em que os olhos da Dona Teresa se encheram de lágrimas ao reviver suas memórias.

O olhar fotográfico é a construção memorial. (...) o momento do registro da fotografia, ou seja, o momento em que o fotógrafo vê uma situação e a partir dela constrói a imagem fotográfica. Este ato de construção ou de apreensão da imagem requer do fotógrafo uma atenção especial ao olhar. Alguns fatores nesse momento vão influenciar a construção/composição fotográfica, vou me ater particularmente na questão da memória. Como a memória pode influenciar o ato fotográfico, o olhar. Segundo Philippe Dubois, no livro *O Ato Fotográfico*, a relação da imagem com o espaço/tempo é indissociável do ato que a faz ser a imagem fotográfica não é apenas uma impressão luminosa, é igualmente uma impressão trabalhada por um gesto radical que a faz por inteiro de uma só vez, o gesto do corte, que faz seus golpes recaírem ao mesmo tempo sobre o fio da duração e sobre o contínuo da extensão. (MOURA, 2012)

Nesse mesmo ensaio Moura (2012) cita Bresson fazendo referência ao texto *O Momento Decisivo*, quando Bresson comenta a respeito da importância do momento ao captar uma imagem. “O momento em que está se vivendo ali é único, e que é necessário fazer o corte, com consciência sobre a situação que se está vivenciando [...] a foto começa a ser registrada pelo nosso próprio corpo, o olho age sobre o espaço/tempo e a memória arquiva e a processa à medida que a imagem é solicitada em lembrança.[...] o que o fotógrafo registra é o passado, apesar de estar presenciando o presente [...]o olho do fotógrafo está sempre atento, compondo e enquadrando o que vê.”

Apesar de eu estar filmando e não fotografando entendi ali, naquele momento tal como uma experiência estética a relação entre a imagem e quem tenta capturá-la. Compreendi também, o porquê da proposta do filme documentário apresentada em nosso projeto e a importância de possibilitar aqueles meninos registrarem, através de máquinas fotográficas, seus olhares sobre a Ilha.

Quando estávamos voltando para a Praia Vermelha, Karine (bolsista do projeto assim como eu) comentou como era diferente a vida dela e a do Guilherme, que só tinham em comum o fato de serem filhos de caiçaras. O Guilherme vive integralmente a cultura caiçara e a Karine não vive essa cultura, em nada, no seu dia a dia. Ela contou que é mais velha que o Guilherme e que não conhece nem a metade de tudo aquilo que ele nos apresentava com tanto entusiasmo e que era uma realidade muito diferente para ela. Esse estranhamento me chamou atenção, mas também me fez ver a importância do registro da memória local.

Nossa caminhada foi registrada por muitas lentes e olhares atentos de alunos da escola, que receberam câmeras fotográficas para tirarem fotos daquilo que lhes era significativo. Confesso que fiquei muito ansiosa para ver essas imagens. Fotos e vídeos tem o poder de falar sem palavras. E é também, através dessas imagens que vamos poder conhecer um pouco mais da Ilha, a partir dos sentidos que eles produzem sobre aquela realidade, como se fosse uma narrativa imagética própria, da autoria de cada criança que registrou determinado momento a partir das suas relações subjetivas com o lugar.

Em conversa com a diretora Alcione, ficamos sabendo que a partir de nossa proposta sobre recuperação da memória local ela já havia dado início a uma atividade escolar realizada pela professora de artes, alguns alunos levaram para a escola receitas registradas por eles e ensinadas pelos mais velhos da Ilha. A partir disso surgiu a ideia de criarmos um livro de receitas caiçaras, com ilustrações dos próprios alunos. O livro está pronto e ficou muito bonito, pois minha orientadora, em parceria com uma professora da Escola de Belas Artes da UFRJ e que é uma ilustradora reconhecida no mercado editorial de Literatura Infanto juvenil (Prof^a D^a Graça Lima), trabalharam as ilustrações produzidas pelos meninos e montaram uma espécie de “livro piloto”. O próximo passo será procurar apoio para a publicação.

Entre os distanciamento e proximidades territoriais, percebemos que a tecnologia é uma presença marcante seja na vida do jovem do litoral seja na vida do jovem da Ilha. Apesar do relato de Guilherme, percebemos o quanto as novas tecnologias estão presentes na vida daqueles meninos e meninas.

Todo o tempo em que passamos embarcados, os alunos passam mexendo nos seus celulares, jogando, ouvindo música, mostrando um ao outro uma função nova, enfim, como é uma ferramenta que todos possuem e que desperta interesse por parte deles, decidimos criar uma forma criativa de trabalhar as imagens com eles aproveitando o interesse que demonstram com esses aparelhos. Foi nessa direção que estamos começando a dar início à oficina de curtas metragens com celulares.

Quanto às fotos registradas pelos alunos da escola, durante o percurso à casa de Dona Teresa e mesmo após o passeio, já que tiveram a oportunidade de permutarem as câmeras ao longo de um mês, conseguimos em parceria com a Secretaria de Educação e o Centro de Cultura e Artes expô-las durante um período de quinze dias na Casa de Lorangeiras, um importante centro cultural de Angra dos Reis. Assim, foi realizada uma inauguração, contando com a presença dos alunos, dos moradores e de toda a direção da escola e autoridades locais.

Em conversa com alguns desses pequenos fotógrafos pude observar o quanto significativa estão sendo nossas atividades com eles. Tomamos alguns depoimentos das crianças que tiveram as fotos expostas e foi muito bom saber o que eles estão pensando e esperando das nossas atividades. Perguntamos aos alunos qual é a importância dessas atividades com eles. Boa parte dos meninos e meninas que participaram do projeto respondeu que a fotografia e a filmagem foi um meio para que “prestassem maior atenção ao jeito como vivem, o que fazem sua cultura”. Perguntamos o que eles entendiam como cultura. Alguns mais tímidos responderam simplesmente que era a Ilha. Uma aluna em especial nos respondeu que não sabia o que era cultura caíçara, nesse ponto entendi que a linguagem acadêmica muitas vezes não dialoga com a língua daqueles estudantes. A resposta simples “é a Ilha” parece mostrar que eles sabem muito bem qual é a sua cultura, mesmo que o conceito de cultura não tenha sido apreendido. Nesse sentido posso entender a crítica radical que

Félix Guatarri (1993) tece em relação ao conceito de cultura. Principalmente quando se refere ao que chamou de esfera semiótica da “cultura-alma”:

[...] domínios de cultura como o mito, do culto ou da enumeração) à qual se opõem outros níveis tidos como heterogêneos [...] – toda produção de sentido [...] passa a ser definida como a da “cultura”. E a cada alma coletiva (os povos, as etnias, os grupos) será atribuída uma cultura. No entanto esses povos, etnias e grupos sociais não vivem essas atividades como uma esfera separada. Da mesma forma que o burguês fidalgo de Moliere descobre que faz prosa, as sociedades ditas primitivas descobrem que fazem cultura, elas são informadas, por exemplo, de que fazem música, dança, atividades de culto, de mitologia e outras tantas. E descobrem isso, sobretudo no momento em que as pessoas vêm lhes tomar a produção.(p.17)

Perguntamos o que mudou para eles depois dessa experiência com as fotos e o vídeo. Muitos alunos falaram que começaram a observar coisas que antes não davam atenção, outros falaram que foi a primeira experiência e outros que nada mudou, o que ratifica minhas reflexões no início desse relato quando digo que a partir dessa experiência no projeto pude compreender melhor as múltiplas formas pelas quais o ser humano pode dispor para entender o mundo e a si mesmo.

Quando perguntamos a cada um qual foto mais gostou e porque, um aluno nos deixou surpresos, pela sua resposta que nos pareceu bastante poética justamente pela sua simplicidade. Ele nos contou que tirou uma foto de um galo e duas galinhas, sentadinhos. Pensou que: - *poderia ser uma família, um pai, uma mãe e uma filha ou que poderia ser um galo com duas mulheres. Que a foto ficou muito “legal”, que estavam muito bonitinhos, eles ali.* Ao questioná-lo sobre o que ele esperava que as pessoas pensassem a partir dessa foto ele respondeu dizendo que o mesmo que ele pensou que ele queria que todo mundo olhasse a foto *vendo mais do que simplesmente um galo e duas galinhas.*

Esse episódio nos fez pensar sobre a relação que estabelecemos com o tempo. Aquele menino da Ilha se dá tempo para parar e contemplar um galo e duas galinhas, enquanto para nós, que vivemos um tempo apressado, aquela cena e seus comentários a respeito dela, em princípio, poderia parecer algo bizarro ou absurdo.

Tivemos “um bate-papo” informal com os alunos sobre seus registros, seus pensamentos e observamos o quanto estavam animados com a exposição e como

estão recriando suas próprias formas de entendimento de si através de nossos “dispositivos estéticos” que vem gerando movimentos, novas formas de conhecer a si e ao outro.

Compartilhando as emoções vivenciadas

Chegou finalmente ao dia da exposição, o dia em que as “Praias esquecidas da Ilha Grande” se apresentariam para o “povo do continente”. A exposição lhes proporcionou visibilidade, as pessoas poderiam conhecê-los melhor a partir dos próprios olhares das crianças, a partir daquilo que muitas vezes ficou em segundo plano ou simplesmente esquecido por aqueles que vão à Ilha buscando o turismo. Digo isso porque nos depoimentos daqueles jovens havia uma queixa recorrente, a de que as praias que habitavam ficavam esquecidas pelo turismo e, por conseguinte pelo poder público. Ficou nítido em suas falas que só um lado da Ilha era valorizado e desse lado, eles não faziam parte. O passado e o presente registrados pelas lentes dos pequenos fotógrafos que não viam a hora de ver o resultado final.

Contamos com a presença de todos os alunos da Escola Municipal General Sylvestre Travassos, sua coordenação e professores, moradores da Ilha, autoridades da cidade, alunos e professores da UFF e demos início à abertura da exposição que teve início no dia 12 de junho de 2012 e terminaria no dia 25 de junho de 2012. As crianças estavam radiantes, eufóricas e muito felizes por aquele momento. Todos se mostravam orgulhosos por estarem mostrando e vendo seu “outro” lado da Ilha, o lado de quem vive nela e por ela. Foram muitas falas emocionadas pela oportunidade de estarem vivenciando aquele momento.

Ao final da abertura apresentamos um vídeo³, no qual os alunos davam seus depoimentos. Cada rostinho que aparecia no telão era uma felicidade para aquelas crianças. Cada depoimento, uma lágrima para os moradores da Ilha. Cada sorriso parecia expressar o desejo de serem notados, ouvidos, ali, naquela sala, por aqueles que representavam as autoridades da cidade e demonstravam com um simples gesto de afirmar com a cabeça aquilo que as crianças falavam.

³ Link para o vídeo no you tube: <http://www.youtube.com/watch?v=Zgn6hOnLlgU>

Todos pareciam estar muito felizes com o resultado daquela exposição, toda a escola, desde alunos à direção, os moradores da Ilha, os professores ali presentes e nós, da UFF, que ficamos muitos orgulhosos por estar fazendo parte desse acontecimento tão especial para todos que ali estavam presentes.

A pesquisa na Ilha vem se tornando cada vez mais instigante, justamente pelas experiências vivenciadas por todos. Na medida em que vamos rompendo fronteiras, abrindo territórios e dialogando através daquilo que nos é comum ou estranho, essas experiências vão acontecendo e por elas nos sentimos afetados, revelando assim, modos de subjetivação que possam nos libertar de assujeitamentos, mostrando que é possível produzir múltiplas imagens de nossos mundos sem fixar nossos olhos numa única paisagem.

Referências Bibliográficas

GUATARRI, F., & ROLNIK, S. (1993). Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes.

KASTRUP, Viginia. Experiência Estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. Informática na Educação: teoria & prática Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010. ISSN digital 1982-1654
ISSN impresso 1516-084X

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Ciência do Concreto. In: **Pensamento Selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976

MOURA, Hudson, A construção do olhar fotográfico. http://www.intermidias.com/anterior/categorias/arte_hudson_olhar.htm - capturado em 12/04/2012

SANTOS, Milton. “O tempo despótico da língua universalizante”. São Paulo: Folha de São Paulo, 05 de novembro de 2000.

SILVA, Dagmar de Mello. Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do contemporâneo. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação de Universidade do Rio de Janeiro – UERJ – Orientada por: M^ª Luíza Bastos Oswald – defendida em: 2009.

VERGANI, Teresa. Excrementos do sol: a propósito de diversidades culturais. Lisboa: Editora Pandora, 1995.